

Eixo Nº 6: Ato analítico e interpretação no início. Perturbar a defesa, ainda?

Coordenadores: Renato Andrade (NELcf. Arequipa, Perú), Paula Iturra (NELcf. Santiago de Chile, Chile).

Integrantes: Lizbeth Ahumada (Bogotá, Colombia), Alba Alfaro (Ciudad de México, México), Marlon Cortés (Medellín, Colombia), Martha Idrovo (Santiago, Chile), Mercedes Iglesias (Montevideo, Uruguay), Gabriela Játiva (Guayaquil, Ecuador), Thamer Prieto (Cochabamba, Bolivia), José Miguel Ríos (Perú, Lima), Juan José Ruíz Reyes (Ciudad de México, México), Hilema Suárez (Caracas, Venezuela), Gabriela Urriolagoitia (Bolivia, La Paz), Zindy Valencia (Arequipa, Perú), Ana María Valle (Guatemala, Guatemala), Gabriela Villarroel (Cochabamba, Bolivia).

A psicanálise transcorre no âmbito do recalçado e de sua interpretação graças ao sujeito suposto saber. Mas, no século XXI, trata-se, para a psicanálise, de explorar outra dimensão: a da defesa contra o real sem lei e fora de sentido. [...] de modo que, para entrar no século XXI, nossa clínica deverá centrar-se na desmontagem da defesa, desordenar a defesa contra o real¹.

Jacques-Alain Miller

Perturbar a defesa não é uma palavra de ordem, nem uma determinação, tampouco uma técnica e nem sequer responde sempre à vontade do analista. É, sobretudo, a consequência de sua orientação que se manifesta em sua interpretação e em seu ato. O argumento do XI ENAPOL nos convida a perguntar e verificar como essa “orientação pelo real” está presente desde o início... Ainda...

Lacan, no *Seminário 24*, diz: “O inconsciente é que, em suma, fala-se sozinho, se é que há falasser... Falamos sozinhos porque só se diz uma única e mesma coisa, exceto se nos abrimos para dialogar com um psicanalista. Não há meio de fazer outra coisa que receber de um analista o que perturba nossa própria defesa [...]”².

¹

² Lacan, J. *Le Séminaire*, livre 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977). Lição 4 de 11/01/1977. Texto inédito. Tradução livre.

O potencial efeito do encontro com um psicanalista abre a porta para desordenar a defesa de um paciente e possível analisante. Levando em conta as manobras do analista e a instalação da transferência, constatamos que desorganizar a defesa será um efeito contingente e “por acréscimo”. Da mesma maneira que “não fica louco quem quer”, não perturba a defesa quem, necessariamente, se propõe a fazê-lo. Por exemplo: em seu testemunho, Graciela Brodsky nos transmite como ela nota a perturbação de sua defesa ao ver seu analista dançar, de maneira descontraída, em uma festa da Escola.

A defesa

O que é a defesa? Não convém buscar o “*ser*” da defesa, esperando respostas como “aqui está” ou “é esta” ou, ainda, “há que perturbá-la”, mas concebê-la sob a forma de uma função matemática. Nessa linha, trata-se de certa “escrita”, necessária, constante e determinante. Quando há defesa, há constância, como o caráter que atravessa os diferentes aspectos e momentos da vida, não é fugaz como o lapso, permanece.

Cada *falasser* ocupa o lugar da variável em sua “função defesa”. Essa perspectiva ajuda a distinguir radicalmente a defesa da “resistência” ao tratamento psicanalítico que, como nos ensina Lacan, é sempre do analista.

A defesa é necessária para fazer frente ao real, o real insuportável. A fantasia, o sintoma, a linguagem etc., são modos de fazer com o real. Assim, o analista a supõe do lado do *falasser* desde o início da análise, sendo ela, inclusive, uma condição para a possibilidade de se analisar. Nos casos de angústia extrema, quando há risco de vida, será necessário construir algo que supra a função da defesa.

A defesa é determinante, se impõe. É um funcionamento que excede o *eu* do *falasser* e que o analista deve ser capaz de interrogar com paciência.

Para além dos funcionamentos aos quais os sujeitos se aferram, não estaria o programa de gozo do qual dependem, sendo a defesa um tipo de montagem que nos orienta?

Em uma análise se lê e se escreve. Ao final, trata-se de uma escrita que aponta para a redução: a distinção entre significante e significado, o isolamento dos significantes privilegiados e a redução dos significantes à letra. Aqui, joga-se com a interpretação do

psicanalista. A defesa contra o real seria essa montagem que impede a escrita do impossível.

Dessa maneira, somente no fim de sua análise, ou seja, *a posteriori*, o analisante poderá concluir sobre ela.

Se entendemos que a psicanálise transforma a relação do *fallasser* com o real, verifica-se, necessariamente, uma modificação da defesa. Daí, o valor clínico da noção de *sinthome*, escrita na qual o real passa a estar enodado, incluído.

Como a defesa contra o real psicanalítico está feita de simbólico e de imaginário, ou seja, de semblante (palavras, linguagem e imagens), oferecer a palavra já é oferecer a via da defesa. A interpretação e o ato do analista impedem que essa palavra do analisante escamoteie o real. Na direção inversa, oferecem-lhe o poder de indicá-lo – como o dedo de São João Batista na célebre pintura de Leonardo. Quando o recalque se levanta, se levanta e se levanta ... e, apesar disso, não se obtém mais nada, estamos no espaço da defesa, como nos recorda Miller. “Então não falamos mais de ‘levantar’ a defesa, mas antes de — é preciso encontrar uma palavra — “desconcertar” a defesa, chegar a se insinuar de modo a encontrar não outra verdade, mas o real”³.

Nesse sentido, Santiago Castellanos propõe que “não se trata somente de circunscrever e perturbar a defesa, mas de desmontá-la, desfazer aquilo que do gozo está localizado nos interstícios do simbólico e nas bordas pulsionais que o corpo encerra”⁴.

Dos inícios

Desde o começo do ensino de Lacan, a aposta por contrariar um funcionamento pode ser observada, como, por exemplo, quando ele subtrai a interrupção da sessão do tempo cronológico para colocá-la do lado do ato do analista.

A urgência própria de uma demanda de tratamento implica que algo perturbou ou desestabilizou a defesa que operava. Ao mesmo tempo, constatamos que para que exista a possibilidade de começar a se analisar, faz-se necessário certa perturbação da defesa. No

³ Miller, J.-A. “A verdade faz par com o sentido”. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, nº 75/77, maio, 2017, p. 18.

⁴ Castellanos, S., *De inconscientes y defensas*, Disponível em: <https://elpsicoanalisis.elp.es/numero-36/de-inconscientes-y-defensas/>, Acessado em: 27/08/23. Tradução livre.

entanto, algumas defesas podem se reconstituir tão rápido quanto se perturbaram, e aqui entra em jogo, também, o papel muito importante da interpretação e do ato do analista, pois evitam que a prática psicanalítica se degrade na preservação de toda a defesa, como é o caso da psicoterapia.

Da mesma maneira que não há instalação da transferência simbólica sem interpretação, não há perturbação da defesa sem esta, desde que não a concebamos somente como revelação de uma verdade, de uma mensagem, ou “re-significação”. A transferência não é condição para a perturbação, as urgências mostram isso (se há transferência ali, de todo modo, será “selvagem”). Não obstante, uma vez instalada a transferência analítica, a perturbação é “experimental”, tal como em um laboratório: quando acompanhada, no decorrer do tempo, pode ser conhecida e, até mesmo, reduzida a uma escrita.

Há funcionamentos que dificultam a entrada no dispositivo analítico. Faz-se, assim, necessário que o analista intervenha sobre estes com seu ato. Em *O silêncio das drogas*, L. D. Salamone apresenta a seguinte vinheta:

Tratava-se de uma mulher que fumava maconha e tinha sua vida organizada de tal forma que realizava todas as suas atividades no período da tarde, pois, ao despertar pela manhã, não tinha voz. Levantava-se quase afônica e ia recuperando o tom de voz até que, de tarde, conseguia falar perfeitamente. Isso a impediu de iniciar a carreira que gostaria de ter seguido. No entanto, trabalhava com algo que gostava, desempenhando suas tarefas bastante bem, mas realizava todas as suas atividades à tarde. A forma que escolhi de perturbar sua defesa foi lhe dizer que a esperava na sessão seguinte, porém de manhã.

Chegou efetivamente com um fiapo de voz e, falar, custava-lhe muito. Disse que sabia qual era a razão do seu sintoma. Há alguns anos, sua melhor amiga lhe pediu que, no dia de seu aniversário, fosse tomar café da manhã com ela porque tinha algo importante a lhe dizer. Quando chegou na casa de sua amiga, deparou-se com o fato de que ela havia se suicidado. Afirma que, a partir de então, evitava se relacionar afetivamente com alguém por medo da perda. Ela comentou que estava começando a ter um afeto por mim e, então, disse: “tenho medo de ficar sem você [*sin vos*]”. Como nosso castelhano não apresenta diferença entre o “z” e o “s”, pronunciei o significante “voz” fingindo certa afonia: “Sem voz” [*sin voz/vos*]. E cortei a sessão⁵.

O ato de agendar a sessão pela manhã permitiu a entrada na análise de um material sobre o qual o analista intervém sem decifrar. Além disso, cifra-o, através do equívoco. Assim, ocorre, também, a entrada da paciente em análise.

⁵ Salamone, L., *El silencio de las drogas*, Buenos Aires, Grama, 2014, pp. 39-40. Tradução livre. Importante notar que o analista, em seu manejo, trabalha com a sonoridade similar do “sin vos” (sem você) falado pela analisante com o “sin voz” (sem voz), fato que se perde ao se realizar a tradução (cf.: Salamone, *loc. cit*).

A interpretação ordinária de Eric Laurent pode fornecer outra vinheta, desta vez de um menino:

Uma criança psicótica que tem três elementos: um copo, água e “se bater”. Toma-se um elemento na série: o copo. Pega-o na mão, leva-o próximo da água e o enche, esvazia-o e depois o vê encher e esvaziar de forma incessante. E em seguida, coloca-se um segundo copo, um terceiro, e coloca-os um dentro do outro. A partir dos significantes isolados constrói-se uma série. O método é o mesmo: extrai-se um elemento incluído na cadeia de gozo da criança. Isso pode ser seu olhar perturbado diante da janela. Aí, passa-se alguma coisa entre a janela e ele, tenta-se extrair do olhar, de colocar o olhar em função⁶.

Aqui, o analista se introduz no “funcionamento” solitário do menino, buscando alterá-lo, para que o tratamento seja possível.

Sobre o caso de um menino autista, Julio González nos apresenta:

Não falava. Interessava-se, apenas, pelas ambulâncias. [...] movimentava-as [...] enquanto emitia um único som que consistia em uma onomatopeia do ruído de uma sirene. Uma e outra vez.

Junto com as ambulâncias coloquei brinquedos de diferentes tipos. Sentei-me no chão perto dele, a uma distância segura, e passei a acompanhá-lo em sua atividade reiterativa. Assim, comecei a introduzir uma temporalidade em sua onomatopeia holofraseada, repetindo-a e decompondo-a em duas unidades, fazendo uma pausa e um intervalo no som.

Jon começou a pegar outros brinquedos que o interessaram, emitindo alguns poucos sons a mais, e passei a nomear tais brinquedos usando a mesma entonação.

Pouco a pouco, a onomatopeia se transformou em uma série de nomes de brinquedos. As sessões tinham a mesma sequência: pegar sempre os mesmos brinquedos e nomeá-los, tanto ele como eu. [...]. Ficou evidente que o uso desses objetos traçava uma zona de intercâmbios, um certo circuito no qual estava em jogo a voz, e que meu olhar sustentava⁷.

Ainda que no autismo, por exemplo, não se encontre a constituição de um corpo nem a função do furo, percebe-se certa defesa contra o real que o habita. O trabalho com esses *falasseres* “des-imaginariza” a perturbação da defesa e mostra que essa nem sempre possui o tom da guerra. O trabalho pode limitar-se a acompanhar – não sem ato – um funcionamento.

Perturbar a defesa, ainda?

⁶ Laurent, É., “A interpretação ordinária”, *Arteira: Revista de Psicanálise*, n. 9, Florianópolis, 2017, p. 22.

⁷ González, J., “Inventar un nuevo partenaire”, *El Psicoanálisis, Revista de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis*, Barcelona, n. 32. Disponível em: <https://elpsicoanálisis.elp.org.es/numero-32/inventar-un-nuevo-partenaire/>. Acesso em: ago. 2023. Tradução livre.

Na atualidade, os dispositivos que utilizam a palavra tendem a cultivar a escuta sem interpretação, protegidos na crença de que o sujeito é dono do que diz, o que resulta em um consentimento cada vez mais difícil da palavra do Outro. Isso põe em xeque a prática da psicanálise, já que, sem interpretação, não é possível alcançar um de seus principais efeitos: a perturbação da defesa.

Se partimos da orientação lacaniana, a interpretação não se reduz ao desvelamento do recalcado e seu concomitante efeito de verdade. Dessa forma, o que distinguiria a interpretação lacaniana do ato analítico?

Um modo de conceber a interpretação é tomá-la por sua mira no significante, ainda que não para aportar significação, mas para subtraí-la ou anulá-la, ir na contramão do inconsciente. O ato, diferentemente da interpretação, dentre seus efeitos, não conta com a indeterminação, ao contrário, produz certeza. Se o ato marca sempre um antes e um depois, tornando impossível retornar a um estado anterior, implicará, necessariamente, um corte.

A que nossa época nos desafia? Retomando a epígrafe, explorar a defesa contra o real sem lei, nos conduz – a nós, analistas – a interrogar e pensar acerca de nossa própria prática hoje.

Tradução: Armando Adurens
Revisão: Renata Martinez (tradução),
Fred Stapazzoli e Luis Francisco Camargo